

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

PREVALÊNCIA CITOPATOLÓGICA DE ALTERAÇÕES COLO UTERINAS EM RESIDENTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, ENTRE 2006 A 2014¹

Douglas Vinícius Pires De Menezes², Matias Nunes Frizzo³, Bruna Lanielle Roratto⁴.

¹ Resumo expandido realizado no curso de Biomedicina da CNEC/IESA

² Acadêmico do curso de Biomedicina CNEC/IESA, douglasvinimenezes@hotmail.com

³ Professor, Doutor em Biologia Molecular, CNEC/IESA e UNIJUÍ. matias.frizzo@gmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Biomedicina CNEC/IESA, brunaroratto15@hotmail.com

1. Introdução: O câncer de colo uterino constitui um importante problema de saúde pública nos países subdesenvolvidos, sendo a segunda neoplasia mais incidente entre as mulheres, perdendo somente para o câncer de mama. Anualmente, aproximadamente 400.000 casos são diagnosticados e mais de 80% ocorrem em países em desenvolvimento (CORREA et al., 2012). É uma doença de evolução lenta que acomete, geralmente, mulheres acima de 25 anos, caracterizado histologicamente por lesões intra-epiteliais de baixo grau (L-SIL) e lesões intra-epiteliais de alto grau (H-SIL) (BRINGHENTI, 2010; FEDRIZZI, 2008).

As lesões intraepiteliais de baixo e alto grau são alterações pré-cancerígenas do epitélio cérvico vaginal que podem ser precursoras do câncer do colo uterino, podendo ser rastreadas de diversas formas. Na maioria dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, a prevenção é realizada pelo rastreamento durante exame citológico, ou exame de Papanicolaou, seguido da colposcopia e tratamento das lesões confirmadas. Tal estratégia determinou, nas últimas décadas, uma redução da incidência e mortalidade do câncer do colo do útero, especialmente em países desenvolvidos onde a taxa de cobertura desse exame para rastreio é alta (RAPOSO et al., 2011).

Uma das descobertas mais importantes da investigação etiológica do câncer nos últimos 25 anos é a relação entre a infecção pelo vírus HPV e o câncer de colo de útero (BRAGAGNOLO, 2010). Além da hereditariedade existem alguns fatores de risco para o desenvolvimento de câncer do colo do útero, como: uso constante de tabaco, paridade, uso de contraceptivos orais, imunossupressão, infecção de longa duração por outros agentes etiológicos causadores de doenças sexualmente transmissíveis (BRASIL, 2010). A idade da sexarca, o número de parceiros sexuais e história de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) estão ligados ao processo de aquisição do HPV e não são considerados co-fatores para a progressão da infecção pelo vírus (ROSA et al., 2009).

No exame de Papanicolaou necessitam de uma atenção especial as atipias de células escamosas de significado indeterminado, as quais costumam ser classificadas como baixo grau (ASC-US) e alto grau (ASC-H), tendo como principal característica direcionamento clínico para maior investigação clínico-laboratorial (RAMA et al., 2008). A lesão intra-epitelial de alto grau (H-SIL), quando não tratada, pode evoluir para carcinoma invasor em 30,0% a 40,0% dos casos (ANJOS et al., 2010).

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Estudos multicêntricos confirmaram a presença do DNA do Papiloma Vírus Humano em quase 100% dos epitélios dos carcinomas invasivos, levando à tese mundialmente aceita de que a infecção pelo vírus HPV é causa necessária para o desenvolvimento do carcinoma invasivo. Casos de carcinomas sem a presença do vírus HPV, principalmente pelos tipos oncogênicos 16 e 18, são raros e supõe-se, nestas situações, que o carcinoma não foi originado pela infecção viral ou possa ter ocorrido falha na detecção do vírus HPV (NAKAGAWA et al., 2010). Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é descrever a prevalência de alterações citopatológicas de colo uterino no estado do Rio Grande do Sul.

2. Metodologia: O presente artigo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica em literatura específica da área, abrangendo o tema de estudo que é a prevalência de alterações citopatológicas de colo uterino no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 2006 a 2014 através de uma coleta de dados online no Sistema de Informação do Câncer do Colo do Útero (SISCOLO). Foi realizada uma seleção de 14 artigos obtidos junto ao banco de dados Scielo, e artigos complementares no Google acadêmico e nos principais bancos de dados e bibliotecas virtuais de saúde e medicina, através de artigos publicados entre os anos de 2008 a 2012. Na pesquisa de artigos, seguiram-se critérios de inclusões restritos, como: câncer do colo do útero, atipias e lesões celulares de células escamosas.

3. Resultados e Discussão: O Sistema de Informação do Câncer do Colo do Útero (SISCOLO) é de extrema utilidade no âmbito analítico quantitativo e qualitativo para a verificação dos casos de alterações colo uterinas registradas no Sistema Único de Saúde em todo o território brasileiro. Entre os anos de 2006 a 2014 no estado do Rio Grande do Sul, sob avaliação de registro e diagnóstico de 84.855 mulheres no programa, os maiores índices de alterações colo uterinas foram as atipias de células escamosas de significado indeterminado (ASC-US e ASC-H) com cerca de 47.848 (56%) casos confirmados, determinando assim a principal prevalência, seguido por 28.206 (33%) casos confirmados de lesão intra-epitelial de baixo grau, 8.018 (9%) casos confirmados de lesão intra-epitelial de alto grau, 544 (0,64%) casos confirmados de carcinoma invasor, 152 (0,17%) casos confirmados de adenocarcinoma in situ, e por ultimo, 87 (0,10%) casos confirmados de adenocarcinoma invasor. Figura 1

Segundo estudos citopatológicos de Varga e Nascimento (2008), entre janeiro de 2006 a dezembro de 2007 em um laboratório particular do município de Santo Ângelo-RS, verificou-se que de todas as amostras, cerca de 5,8% apresentavam atipias escamosas de significado indeterminado, 5,9% lesões intra-epiteliais de baixo grau (LSIL) e 0,5% de lesões intra-epiteliais de alto grau (HSIL). No município Santa Rosa-RS, próximo ao citado a cima, estudos apontaram que a prevalência de alterações em um laboratório do local relataram cerca de 1,43% de alterações cervico vaginais (SALDANHA, 2008). Já no município de Nonoai os achados foram de 5,77%, sendo a atipia de células escamosas de baixo grau (ASC-US) a alteração mais frequente com cerca de 3,2% dos casos (BINGHETI et al., 2010).

Em Canguçu-RS, foram analisados resultados citopatológicos de 909 mulheres, sendo que 82% apresentaram-se negativos, e 18% dos casos foram diagnosticados como positivos para microorganismos e/ou lesões celulares. Sobre o total de resultados fora da normalidade, obteve-se

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

em sua maior parte o diagnóstico de *Gardnerella vaginalis* e *Candida sp.* (VARGAS; MANFREDINI, 2011).

Conforme estudos de Gottardo e Sandri (2011), ao verificar-se a prevalência de alteração citológica compatíveis à infecção colo uterina pelo vírus HPV (Papiloma Vírus Humano) sob forma de coilocitose, no exame citopatológico de Papanicolaou, demonstrando lesão intra-epitelial de baixo grau (LSIL) em mulheres atendidas na Secretaria Municipal de Saúde de Santo Ângelo. Segundo a pesquisa, os percentuais encontrados direcionaram que de todas as pacientes a maior prevalência esteve entre os 18-27 anos e 28-37 anos de idade, com 30,8%. Estes achados apontam para uma maior incidência de infecção pelo Vírus HPV em mulheres jovens, com vida sexual ativa e em fase reprodutiva. Entretanto, com essa prevalência o risco de se adquirir futuros carcinomas de colo uterino e o risco de óbito aumentam drasticamente.

Um dos primeiros países a introduzir o exame para a detecção precoce do câncer de colo do útero, o Papanicolaou, foi o Brasil em 1940 e, mesmo contando com esse privilégio, essa doença ainda se constitui como um grave problema de saúde pública. O Brasil ocupa uma preocupante posição de destaque no alto índice de contaminação por HPV, uma das consequências deste problema é que apenas 30% das mulheres submetem-se ao exame citopatológico pelo menos três vezes na vida, o que resulta em um diagnóstico tardio, em fase já avançada em 70% dos casos, como nos casos de carcinoma invasor, adenocarcinoma in situ e invasor (ITO et al., 2010).

4. Conclusão: O câncer de colo uterino é uma neoplasia maligna de grande incidência. A presença de infecções pelo vírus HPV (Papilomavírus Humano) diagnosticada nas lesões intra-epiteliais de baixo grau (LSIL) em forma de coilocitose está diretamente associada ao desenvolvimento do câncer cervical e é considerado o principal fator de risco. No diagnóstico de atipias escamosas de significado indeterminado, o seguimento médico deve ser competente, ágil e apresentar rapidez para a paciente a fim de evitar a evolução da doença, como o surgimento de adenocarcinomas e carcinomas, além de evitar o uso de medicamentos quimioterápicos, e até mesmo o óbito da paciente.

5. Palavras-chave: Câncer de colo uterino; Atipias; Lesões.

6. Agradecimentos: A minha família e namorada.

7. Referências Bibliográficas:

ANJOS, S.; VASCONCELOS, C; FRANCO, E et al. Fatores de risco para câncer de colo do útero segundo resultados de IVA, citologia e cervicografia. Revista da Escola de Enfermagem da USP, n.4, v.44, p.912-920, 2010.

BRAGAGNOLO, A.; ELI, D.; HAAS, P. Papiloma Vírus Humano (HPV). Revista Brasileira de Análises Clínicas, v.42, p.91-96, 2010.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

BRINGHETI, M et al. Prevenção do Câncer Cervical: Associação de Citologia Oncótica a Novas Técnicas de Biologia Molecular na Detecção do Papilomavírus Humano (HPV). DST- Jornal Brasileiro de Doenças sexualmente transmissíveis, Rio de Janeiro, n.3, v.22, p.135-140, 2010.

CORREA, M.S.; SILVEIRA, D. S.; SIQUEIRA, F.V et al. Cobertura e adequação do exame citopatológico de colo uterino em estados das regiões Sul e Nordeste do Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.12, vol.28, p.2257-2266, 2012.

FEDRIZZI, E. N.; SCHLUP, C. G.; MENEZES, M.E.; OCAMPOS, M. Infecção pelo Papilomavírus humano (HPV) em mulheres de Florianópolis, Santa Catarina. Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis, p.73-79, 2008.

GOTTARDO, C.; SANDRI, Y. Prevalência de HPV em Mulheres atendidas na Secretaria Municipal de Saúde de Santo Ângelo-RS, Brasil. Revista Saúde Integrada, n.8, p.161-184, 2011.

ITO, M et al. Dimensão da participação do Papilomavírus humano (HPV) na evolução do câncer cérvico-vaginal. Revista Brasileira de Análises Clínicas, n.2, v.42, p.127-129, 2010.

NAKAGAWA, J; SCHIRMER, J; BARBIERI, M. Vírus HPV e câncer de colo de útero. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, n.2, v.63, p.307-311, 2010.

NASCIMENTO, V.; VARGA, V. Frequência de citologias atípicas em adolescentes no Laboratório Esvaldo Cruz, município de Santo Ângelo-RS. Revista Brasileira de Farmácia, n.4, v.89, p.347-351, 2008.

RAMA, C; MARTINS, C.R.; DERCHAIN, S et al. Rastreamento anterior para câncer de colo uterino em mulheres com alterações citológicas ou histológicas. Revista de Saúde Pública, n.3, v.42, p.409-411, 2008.

RAPOSO, L.M.; VELASQUE, L.; LUZ, P.M et al. Desempenho do exame citológico e da captura híbrida II no rastreamento de lesões intraepiteliais escamosas de alto grau em mulheres HIV+. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.7, v.27, p.1281-1291, 2011.

ROSA, M. I et al. Papilomavírus humano e neoplasia cervical. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, p.953-964, 2009.

SALDANHA, R.; VARGAS, V. Caracterização dos exames de Papanicolau no serviço de Saúde Pública no município de Santa Rosa, RS. Revista Brasileira de Farmácia, n.4, v.89, p.342-346, 2008.

VARGAS, R.; Malfredini, V. Pesquisa de Microorganismos e alterações Celulares em Mulheres submetidas à Citopatologia Ginecológica na Cidade de Canguçu, RS, no ano de 2008. Revista News Lab, p.102-108, 2011.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa



Figura 1. Prevalência de alterações colo uterinas no estado do Rio grande do Sul entre 2006 a 2014.